

A L M A D I N A

A IMPORTÂNCIA DO ZAKAAT

Por: Sheikh Aminuddin Mohamad

09.06.2025

De entre os Pilares do Isslam, o Zakaat ocupa a terceira posição, sendo o primeiro, o Shahádah, e o segundo, o Swalaat, assim como consta em vários “ahadith” (narrações sobre ensinamentos e práticas do Profeta.

Em muitos versículos do Qur’án foi empregada a frase “*In’fâq Fi SabiLillah*” para designar o Zakaat e o Swadaqah, o que significa “gastar pela causa de Deus”. Aliás, em alguns versículos foi referido que, qualquer coisa que o crente gaste pela causa de Deus, constitui um excelente empréstimo ao Criador, Que restituirá, conforme consta no Qur’án, Cap. 2, Vers. 245:

“Quem empresta a Deus um bom empréstimo, então Deus lhe multiplicará muitas vezes”.

Isto significa que o crente adiantou um empréstimo à Deus, tornando-O seu Devedor. Consta em muitos versículos do Qur’án que a recompensa de qualquer coisa que um crente gaste pela causa de Deus, tal coisa fica a Seu cargo, e Ele não só restituirá na justa medida, como fá-lo-á de forma multiplicada.

A Questão é: será que o Senhor dos Céus e da Terra está dependente de nós? Será lógico que o Rei dos reis, Dono dos tesouros infinitos e incalculáveis, mendigue algo de nós para Si? Como pode ser isso?

É com base na Sua dádiva que a nossa vida está sendo sustentada. É com base no Seu alimento que nós comemos. Qualquer coisa que o rico ou o pobre de entre nós possui, constitui dádiva exclusiva de Deus. Do pobre ao milionário, bilionário, ou multimilionário, todos são dependentes d’Ele, mas Ele não dependente de ninguém. Qual é então a necessidade de Ele contrair empréstimos aos Seus servos? O Facto é que tudo isso é para ser gasto em nosso benefício, e para o nosso bem. Quando alguém de entre nós dá algo ao pobre, de onde é que este o irá recompensar? Deus diz que Ele é que se encarrega de o fazer da parte do pobre. Por exemplo, alguém presta ajuda aos seus familiares pobres, dá algo aos órfãos, às viúvas, aos deficientes, aos viajantes ou aos seus irmãos que estejam em aflição. Tudo isso entra na conta de Deus, e o pagamento dessa dívida não será feito por eles, mas sim por Deus.

Tudo o que a pessoa possui é uma dádiva de Deus, pois ninguém encontra seja o que for em lado algum. Recebe-o somente do tesouro divino.

Seja o que for que a pessoa dê, não está dando directamente à Deus, mas sim aos seus familiares, aos membros da sua comunidade, mas veja-se a Sua misericórdia no que diz respeito à riqueza que d’Ele se toma para se dar às Suas criaturas. Deus considera isso como se Ele tivesse recebido de alguma criatura Sua.

Deus diz: “*Tu deste a Mim esta riqueza, e Eu é que vou-te recompensar por isso*”. E diz: “*Esse gasto é feito pela Minha causa, é um empréstimo a Mim. Eu devo a ti a sua recompensa e Eu aceito-o como uma obrigação para Comigo*”.

O Homem por natureza está mergulhado no egoísmo, e a sua mente não consegue desenvolver qualquer conceito de grande amplitude, nem mesmo relacionado com os seus interesses egoístas. Para além disso, é precipitado, assim como consta no Qur’án no Cap. 21, Vers. 37:

“O Ser Humano foi criado de pressa”.

A sua preocupação está em ver rapidamente os resultados e benefícios de tudo o que faz. Os resultados e benefícios que ele considera substanciais são apenas os que derivam do ganho rápido, e os que ele vê, portanto, os palpáveis. A sua visão é curta, pois não alcança resultados profundos. E esta é a fraqueza natural do Homem, que o obriga a olhar para os benefícios pessoais em todas as coisas, dizendo:

“Tudo o que eu ganhei ou o que eu recebi em herança dos meus pais pertence só a mim e ninguém tem porção nisso, e só pode ser gasto exclusivamente nas minhas necessidades, nos meus desejos, no meu conforto e no meu gozo corporal. Ou pelo menos, deve servir para elevar o meu nome, a minha honra e a minha fama. Para tal eu devo ter algum título ou cargo elevado. As pessoas devem

rebaixar-se perante mim e devem falar de mim. Se eu não alcançar qualquer desses objectivos, então porque é que devo partilhar o meu dinheiro com os outros? Porque é que eu tenho que ajudar o órfão, o viajante, o aflito, a viúva? Deus deu-lhes mãos e pernas assim como a mim, eles que trabalhem”.

O rico com uma mentalidade egoísta comportar-se-á como uma cobra enrolada sobre o seu tesouro. Se gastar algo, será apenas na tentativa de engrandecimento. Não gastará nenhum centavo do seu bolso, e se porventura ajudar um pobre, fá-lo-á apenas se nisso houver algum benefício, não sendo portanto, uma ajuda sincera. Qualquer acção que não lhe traga algum ganho pessoal, não terá a sua participação.

Quando numa sociedade as pessoas se deixam tomar por este tipo de mentalidade, a tendência é que a riqueza comece a acumular-se em poucas mãos, criando grandes problemas, pois a vida dos pobres torna-se ainda mais miserável, surgem muitos males na sociedade, a força física dos seus membros começa a reduzir e conseqüentemente a sua capacidade laboral bem como a produtividade baixam, as doenças tornam-se comuns, a ignorância aumenta, a sua moral deteriora-se, recorre-se a crimes para satisfação das suas necessidades, e finalmente chega-se a um ponto em que se opta pelo roubo, a violência torna-se comum, os ricos são assassinados, as suas casas são assaltadas e queimadas, e a destruição espalha-se por todo o lado.

Se ponderarmos bem, concluiremos que, na realidade o bem-estar de cada pessoa está ligado ao bem-estar da comunidade em que ele vive. Se ajudarmos os nossos irmãos recorrendo à riqueza que possuímos, esta circulará voltando novamente para as nossas mãos, com muitos dos seus benefícios. Mas se pelo contrário, devido à ganância, retivermos essa riqueza gastando-a em benefício pessoal, ela acabará ficando reduzida.

Por exemplo, se alguém adoptar uma criança órfã, dotá-la de uma educação esmerada, capacitá-la por forma a que se torne um membro útil à comunidade, toda essa acção contribuirá para o enriquecimento da comunidade. Sendo esse adoptante membro dessa comunidade, de alguma forma ele se torna parceiro dessa riqueza, mas talvez não saiba que uma porção lhe chega através das habilidades do órfão que ajudou.

Mas se ao invés de ajudar esse órfão, disser: “Porque tenho que o ajudar? O seu pai devia ter deixado algo para ele”, estará contribuindo para o aumento do número de crianças desamparadas. Não o ajudando, esse órfão acabará relegado para a marginalidade, nunca desenvolvendo habilidades que lhe permitam dar algum contributo à riqueza da comunidade através do seu labor. De facto, não é de estranhar que ele se torne um criminoso, podendo um dia vir a assaltar a casa daquele que um dia se recusou a ampará-lo. Portanto, ao deixarmos que um membro da nossa comunidade resvale para a criminalidade, não só o prejudicamos, como nos prejudicamos a nós mesmos.

Analogamente a este exemplo, se olharmos com alguma atenção, veremos que aquele que gasta do seu dinheiro sem qualquer interesse, apenas para o bem da comunidade, tal gesto permite aparentemente a saída da sua riqueza do seu bolso, mas, fora, esse dinheiro continua expandindo-se e prosperando, até que finalmente retornará com benefícios incontáveis para o bolso de onde um dia saiu.

Por outro lado, a pessoa que devido à ganância guarda dinheiro para si, não o gastando em prol da comunidade, aparentemente está preservando a sua riqueza, mas na realidade está contribuindo para a sua própria destruição.

O pagamento de Zakaat desenvolve um impacto saudável no dador, modera o seu desejo ardente pelos bens materiais, e cria nele a virtude de partilhar a sua riqueza com os outros. Isso eleva-o da situação de paixão pelos bens materiais para uma vida dotada de valores morais nobres. Salva-o do pecado e dos males morais que surgem da paixão doentia e ganância pela riqueza. O pagante de Zakaat vive para si mesmo e para os outros.

...Continua....